

RUBEM BRAGA

Chô, Urubú

Um cidadão de Porto União (Santa Catharina) foi dar um passeio em União da Victoria (Paraná). As duas cidades são uma só cidade cortada ao meio pela divisa. Em União da Victoria o cidadão morreu de repente. Depois das lagrimas e lamentações da praxe elle foi posto dentro de um caixão. Formou-se o cortejo para levá-lo até o cemiterio de sua cidade, ali do outro lado da fronteira, em Porto União. Quando o cortejo ia transpondo a linha de limites teve de se deter. Em sua frente estava um funcionario fiscal paranaense. Esse digno fiscal queria que lhe pagassem a taxa de dez mil réis. Varias pessoas protestaram. O fiscal obtemperou que estava cumprindo o seu dever. Não podia permittir que o defundo sahisse do territorio do Estado do Paraná sem pagar a taxa de 10 mil réis. Todos, entretanto, se negaram a pagar, allegando que defunto não é artigo de exportação. Quanto ao proprio defunto, manteve-se firme. Não puxou dinheiro nem deu uma palavra. Conservou-se dignamente como um defunto, perfeitamente duro, esticado no seu caixão. Os homens quizeram avançar. Mas o fiscal ergueu os braços. Não. Do Paraná não sahia o cadaver de contrabando! Não houve remedio. Um dos homens puxou uma pellega de 10 e a entregou ao fiscal. Assim o defunto foi posto em territorio catharinense — e por felicidade não appareceu nenhum fiscal de Santa Catharina para cobrar direitos de entrada.

De tudo se conclue que ha neste paiz uma grande estimação pelos defuntos. As unidades federativas os recebem livres de direitos e se esforçam para retel-os, cercando a fronteira com fiscaes.

Eu, por mim, não sou de Porto Alegre. Si por acaso morrer aqui e quizer ser enterrado na minha terra, terei de atravessar cinco fronteiras para attingir o meu cemiterio natal — ou, melhor, o cemiterio de minha terra natal. Seriam, só de taxas, 50 mil réis. Como sou hó-

mem de boa estatura e regular peso, creio que o frété ficaria caro. Assim sendo, aproveito a oportunidade para avisar que não faço questão. Podem me enterrar perfeitamente em um cemiterio qualquer de Porto Alegre. Tenho me dado muito bem com os vivos desta cidade; creio que não me daria mal com os defuntos locaes. De resto eu preferia que no lugar de me enterrar me cremassem. Ao envez de ir apodrecer vilmente em baixo do chão eu seria transformado em suave cinza e espalhado aos ventos. E nas azas do vento eu voaria disperso. Talvez particulas de meu ser voassem languidamente pela rua da Praia atraz de alguma doce e linda mulher. Talvez as outras se espalhassem por longas terras do Brasil. E passassem imperceptiveis por todos os fiscaes de todas as fronteiras, e fossem dansar invisiveis em volta de lugares onde luctei e amei, pousando em mãos de amigos, em cabellos de mulher. Algumas iriam até á minha terra natal. Esvoaçariam entre os galhos do velho pé de fructa-pão, subiriam numa curva suave até a caixa-d'agua, até o cajueiro, e desceriam para os fundos da casa. Talvez passassem pelo tanque e entrassem na cozinha. Haveriam de parar um pouco na copa ouvindo os canarios belgas. Depois invadiriam a velha sala de jantar, sobre a grande mesa hoje quasi vazia, e bailariam alegremente em volta de uma criança. Póde ser que entrassem no quarto maior e procurassem ali, em uma cadeira de balanço, uma pequena mulher morena de cabellos brancos, e pousassem em sua testa cansada como um beijo leve. Depois... Bem, vamos parar por aqui. Que soltem minhas cinzas aos ventos, e ellas saberão onde ir. O diabo que as carregue. O essencial é que não paguem imposto. Oh, senhores do fisco, oh invulneraveis, oh intrançiveis senhores, taxae, taxae os vivos. Mas encolhei as vossas garras — oh insaciaveis senhores! — perante a pobre carne amarelada dos defuntos. Chô, urubú, chô, urubú!